

## Há mais de 900 anos, a Lua desapareceu do firmamento. Agora já se sabe porquê

Documentos revelam que, a 5 de maio de 1110, a Lua desapareceu sem deixar rasto. Na noite seguinte voltou. 910 anos depois, sabe-se que a culpa foi de uma série de erupções vulcânicas catastróficas.



**Marta Leite Ferreira** Texto

06 mai 2020, 21:10



▲ A nova descrição do fenómeno surge após uma análise a núcleos de gelo na Gronelândia  
Anadolu Agency via Getty Images

Era o quinto dia do mês de maio em 1110 e, tal como é o fado dos astros desde há 4,5 mil milhões de euros, a Lua apareceu no céu para presidir a noite. Seria como outra qualquer não fosse o estranho fenómeno relatado na Crónica de Peterborough: a Lua simplesmente desapareceu. As estrelas continuaram a brilhar, nenhuma nuvem poluiu a vista para o firmamento. Mas o satélite natural da Terra, nem vê-lo.

Segundo o texto daquele histórico manuscrito em inglês antigo sobre a história dos anglo-saxões, após a Lua ter aparecido no céu, “pouco a pouco, a luz diminuiu de modo que, tão

depressa como chegou a noite, extinguiu-se tão completamente que não se viu nem a luz, nem a orbe, nem nada em absoluto”.

Depois disso, o dia nasceu, desenvolveu-se naturalmente e, quando a noite regressou, trouxe de volta a Lua que se havia escondido 24 horas antes. Passaram-se nove séculos, o mundo recebeu génios que descobriram luas noutros planetas, compreenderam as mais elegantes regras físicas do universo, levaram a humanidade a pisar outros astros. Mas nenhum deles alguma vez descreveu com precisão como pode ter a Lua desaparecido naquele 5 de maio.

Até agora. Num estudo publicado na *Scientific Reports* e noticiado pelo espanhol *La Vanguardia*, um grupo de cientistas da Universidade de Genebra sugeriu que a Lua tinha desaparecido por causa de uma erupção vulcânica que havia acontecido dois anos antes, em 1108. Afinal, o segredo para o mistério este durante todo este tempo enterrado no gelo na Gronelândia: a Lua tinha sido raptada do olhar dos terráqueos por causa de uma das maiores libertações de sulfato do último milénio.

Segundo os cientistas, os núcleos de gelo analisados na Gronelândia mostravam que tinha havido uma grande deposição de sulfato, provavelmente uma das maiores do milénio passado. “Durante muito tempo acreditava-se que esses depósitos fossem o produto da erupção do vulcão islandês Hekla em 1104”, pode ler-se no relatório. Mas, afinal, “a avaliação dos núcleos de gelo aponta para várias erupções, muito próximas no tempo, entre 1108 e 1110” que provocaram “um véu de poeira na Europa em maio de 1110”.

A teoria destes investigadores de Genebra é que essas erupções não tenham brotado do vulcão Hekla. Devem ter acontecido no monte Asama, um vulcão ainda ativo no centro de Honshu, a principal ilha do Japão, cuja maior erupção vulcânica no Holoceno — a época em que vivemos — terá ocorrido em agosto de 1108. É um dado “credivelmente documentado por um observador japonês” e que é “um contribuidor plausível para o alto teor de sulfato na Gronelândia”.

O desaparecimento temporário da Lua não terá sido sequer a consequência mais grave destas erupções vulcânicas. Nessa altura, a Europa Ocidental ficou mergulhada na fome e França também registou níveis anormais de chuva. Até os registos dos eclipses lunares daquele século, que falam de luas vermelhas extremamente escuras, coincidem com a paisagem que seria criada por uma atmosfera poluída pelos gases e poeiras emitidos por aquele vulcão.

Noventa e uma décadas mais tarde, a Lua continua por cá. E até promete dar um pequeno espetáculo esta noite e também na quinta-feira, com a última “Super Lua” do ano. De acordo com o Observatório Astronómico de Lisboa, a fase de Lua Cheia vai coincidir com o perigeu — ponto da órbita em que se encontra mais próxima da Terra. E vai estar a 359.653,767 quilómetros de nós.

Com a Super Lua, ela vai parecer-lhe 14% maior e 30% mais brilhante do que quando acontece no apogeu, isto é, no ponto da órbita mais afastado da Terra. No entanto, a melhor ocasião para a é no momento do seu nascimento, quando ainda está próxima ao horizonte, porque “parecerá ainda maior com um aumento extra de cerca de 5%”, descreve o Observatório.